

## **PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE ÁLVARO URIBE VÉLEZ NA 2ª CONFERÊNCIA MUNDIAL DO CAFÉ**

**Salvador da Bahia, Brasil, 24 de setembro de 2005**

Há dois anos a Organização Internacional do Café nos convocou a Cartagena, e lá tivemos a gratíssima visita do Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Nós colombianos ficamos imensamente reconhecidos.

Em nome de todos os meus compatriotas, trago a Vossa Excelência, Senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma saudação cheia de solidariedade e de afeto.

É muito grata esta reunião nesta cidade histórica tão importante.

Ao recordar nossa reunião em Cartagena, e agora nesta reunião em Salvador da Bahia, vejo aspectos comuns tão importantes entre estas duas belas cidades: sua parte histórica, sua presença e seu futuro, seus desafios, ambas ligadas às águas do Atlântico que, mais além, se transformam nas do Caribe.

Nos últimos anos, as relações entre a Colômbia e o Brasil se estreitaram sobremaneira. Celebramos o que parecia impossível: o acordo entre a Comunidade Andina e o MERCOSUL. Quando em 2002 – ano da eleição tanto do Governo do Presidente Lula do Brasil e do Governo que presido na Colômbia – propusemos esse acordo, ele parecia uma utopia. Hoje é uma realidade.

Avançamos muitíssimo rumo à integração da Comunidade Sul-Americana e confiamos em que ela no final seja uma integração mais prática, menos retórica. Uma integração com resultados, austera. No mundo contemporâneo, é preciso legitimar as relações internacionais não com retórica, mas com resultados. É preciso aproveitar as comunicações, a Internet, as teleconferências para reduzir os custos de gestão das relações internacionais, e creio que a união sul-americana pode ser um grande exemplo de relações internacionais modernas, práticas, com solidariedade.

### **A CRISE DO CAFÉ**

Não estamos numa situação tão má como há dois anos, mas há sinais que nos preocupam. A crise ainda não está de todo ultrapassada. Até o mês de julho, pensávamos que definitivamente ela passaria a ser um tema do passado, mas o que se passou, o que ocorreu nestas últimas semanas demonstra que os perigos persistem.

É preciso recordar ao mundo que as receitas dos países produtores em certo momento alcançaram US\$12 bilhões por ano, e que este total caiu para US\$5 bilhões.

É preciso recordar ao mundo que a alta dos preços do petróleo produziu um impacto muito negativo, ao elevar os preços dos insumos tanto para a produção cafeeira como para a produção agrícola em geral.

E muito nos preocupa saber que instrumentos financeiros internacionais, como os fundos que eram investidos em café, estejam sendo transferidos para o petróleo, com isto criando enormes dúvidas a respeito do impacto destas atividades sobre o preço do café.

Em Cartagena, propusemos o ingresso dos Estados Unidos na Organização Internacional do Café, e cabe-nos agradecer ao Dr. Néstor Osorio e a todos os demais dirigentes da Organização Internacional do Café (OIC) e aos Estados Unidos terem tomado as providências necessárias. Hoje, registramos com satisfação a presença dos Estados Unidos, um grande consumidor, já como Membro de plenos direitos da OIC.

Quero pedir atenção para a relação existente entre esta Conferência Mundial do Café e a reunião realizada há duas semanas nas Nações Unidas para confirmar nosso compromisso em relação às Metas do Milênio.

Nos países produtores, as Metas Sociais do Milênio, que constituem um desafio para a paz da humanidade e devem ser alcançadas como requisito para a estabilidade das democracias, estão intimamente relacionadas com a sorte da cafeicultura.

Se a receita dos produtores não melhorar, será muitíssimo mais difícil para os países onde há pobreza e desigualdades alcançar as Metas Sociais do Milênio.

Na Colômbia, por exemplo, a cafeicultura é uma alternativa muito eficaz, que permite evitar o avanço das drogas ilícitas e do terrorismo – este é outro tema para o qual queremos pedir atenção. Porque não se pode considerar o café como simples matéria-prima, mas como um produto de profunda relevância social, que mantém uma relação estreitíssima com o desafio de nossos países de alcançar as Metas Sociais do Milênio, uma relação estreitíssima com desafios como os que a Colômbia enfrenta no combate ao terrorismo e às drogas ilícitas.

O café é um caminho social, um caminho para a estabilização democrática.

O parque cafeeiro da Colômbia tem 800 mil hectares – peço que guardem esta cifra, meus caros delegados de todo o mundo do café. Em média, uma família cafeeira colombiana possui 3 hectares. Isto mostra-nos que a cafeicultura da Colômbia tem uma estrutura profundamente democrática e social, como em outros muitos países.

Noventa por cento de nossas famílias cafeeiras possuem menos de 2 hectares. Nas montanhas colombianas, que em diversas áreas têm pendentes muito íngremes, todo o cultivo do café é manual. Foi preciso fazermos um enorme esforço para incrementar a produtividade sem mecanizar, preservando as técnicas manuais, e isto em grande medida incide sobre o tecido social colombiano e, claro, afeta significativamente a qualidade do café.

Os cientistas estão acordes em que o cultivo manual é uma das razões que mais influi na suavidade e no aroma do café da Colômbia.

A estrutura institucional cafeeira da Colômbia é exemplar. É integrada por 563 mil famílias e organizada em três níveis: local, regional e internacional. A provisão dos cargos de seus órgãos é feita por processos democráticos, através do voto direto de uma gama muito vasta e democrática de pequenos proprietários.

As instituições mantêm uma relação histórica, de grande importância, com seus integrantes, os produtores, com o Governo colombiano e com a comunidade internacional.

Através dessas instituições, o Governo fez acordos em ocasiões em que, como nos últimos anos, foi necessário compensar em certa medida os produtores pela perda de receitas.

O Governo teve de fazer enormes esforços fiscais para ajudar esses pequenos produtores, que, devido à perda de receitas, se viam em enormes dificuldades para saldar suas dívidas.

Houve um momento no qual, enquanto as taxas de juros subiam aceleradas, os preços do café vinham na direção oposta. Foi aí que as instituições e o Governo, conjuntamente, tiveram de se lançar ao resgate desses cafeicultores endividados e arruinados.

Através dessas instituições, trabalha-se muitíssimo em questões de pesquisa e renovação.

É hora de pensarmos novamente nos afazeres do café. Creio que devemos sair desta reunião de Salvador da Bahia com uma consciência mais acurada das responsabilidades que cabem, igualmente, aos países produtores e consumidores.

Não há dúvidas de que nos países produtores precisamos fazer maiores esforços nos planos da competitividade e da responsabilidade social para com os produtores – mas temos também de entregar ao mundo um novo produto e novos canais de comercialização.

Nós, países produtores, temos de fazer maiores esforços para produzir café orgânico, para produzir café benéfico ao meio ambiente.

Que o mundo inteiro saiba que, ao saborear uma xícara de café, não se está saboreando apenas um produto com valor econômico, mas também um produto ligado a responsabilidades sociais e ambientais.

Para incrementar a produção e a produtividade, a Colômbia em certo ponto passou de um café tradicionalmente cultivado na sombra a um café totalmente exposto ao sol.

A produção aumentou, mas a erosão do solo também aumentou. E os nascedouros de água já foram destruídos, porque este fenômeno, esta histeria, levou à destruição de muitas matas que protegiam mananciais e ao desaparecimento de muitas aves.

Nosso café orgânico ainda representa pouco, mas está crescendo a uma taxa anual de 33%. O mundo terá de ser mais receptivo a este produto quando dispuser de maiores informações sobre o caráter social da cafeicultura e sobre o compromisso da cafeicultura com o meio ambiente.

A crise do petróleo, a crise energética que pode se tornar o grande obstáculo ao melhor desempenho da economia mundial, obriga-nos a pensar mais a fundo sobre o café orgânico.

Nossos países irmãos da América Central, para os quais a cafeicultura é muito importante e para os quais, como para a Colômbia e outros países, ela tem grande relevância social, não produzem petróleo, nem gás, nem carvão e hoje estão tendo dificuldades muito sérias para arcar com seus custos energéticos. A situação é tão séria que vou repetir aqui o disse há uma semana nas Nações Unidas: esses países correm o risco de ter de pagar seus custos energéticos com os recursos que haviam destinado para o cumprimento das Metas Sociais do Milênio.

Uma vez mais, surge o imperativo de acelerar a produção de café orgânico, para que haja menor dependência da aquisição de petróleo, derivados, fertilizantes, agroquímicos em geral e produtos afins.

A necessidade de produzir café orgânico é um imperativo, para que haja maior consciência do caráter social deste produto nos países consumidores.

Mas também necessitamos de novos canais de comercialização. Vejo com preocupação que as instituições cafeeiras mundiais perderam uma oportunidade e quase perdem uma segunda.

Pergunto-me por que as instituições cafeeiras mundiais permitiram que se consolidasse um punhado de transnacionais muito sólidas do setor de alimentos, e que os países produtores de café permanecessem excluídos. Isso nos causou imensos prejuízos.

Permanecemos incapazes de intervir nas grandes cadeias mundiais de comercialização de alimentos, perdemos essa oportunidade. E perdemos a oportunidade porque acreditávamos que os bons preços seriam uma constante inalterável. E estamos a ponto de perder uma segunda oportunidade.

A comercialização tenta alcançar diretamente os consumidores, através de pequenas lojas pertencentes a grandes cadeias. Qual é minha preocupação? Que estas lojas mostrem ao mundo que querem substituir a marca do produtor pela marca da empresa.

A orientação publicitária que se vê nestes estabelecimentos evidencia que se oculta a origem do café e se divulga e promove o nome da empresa. Isso pode ser muito grave, porque pode ocorrer que, em uma geração, o mundo já não saiba quais são as origens do café, mas simplesmente o nome de seus distribuidores.

A Colômbia está se esforçando para implantar um esquema modesto de lojas que oferecem café colombiano da marca Juan Valdez diretamente ao público nos países industrializados.

É a melhor maneira de defender a origem do café e fazer publicidade vendendo. Mas creio que, para poder competir com as grandes cadeias de lojas, este esforço não é suficiente. Sob a liderança de nossas instituições cafeeiras, estamos próximos de uma capitalização deste esquema, que envolve todos os produtores, mas, insisto, é preciso que este seja um esforço internacional de todos os países que produzem café.

Imaginem os senhores o perigo: é possível que em poucos anos, quem tomar uma xícara de café em Tóquio, em Nova Iorque ou Beijing, nada saiba da marca da origem, mas simplesmente relacione o café com o nome de uma empresa internacional que nada tem a ver com seu produtor nem com o país onde ele é produzido. Precisamos fazer este esforço, não o deixando no discurso sem torná-lo realidade.

Os países consumidores têm imensas responsabilidades. No tocante ao preço do café, eles têm responsabilidade pela relação deste preço com a construção da equidade. Sem equidade, não pode haver uma ordem internacional tranqüila. Pergunto-me por que é que se produz café por meios artificiais em muitas partes do mundo, em oposição à produção de café favorável ao meio ambiente, e apresentam-me uma razão: porque os países industrializados, com seus subsídios à agricultura, suas barreiras à entrada de produtos agrícolas, obrigam os países produtores a cultivar café em áreas onde outros produtos poderiam ser cultivados.

Os países industrializados devem se compenetrar de sua responsabilidade de dar acesso ao mercado aos produtos agropecuários de nossos países, assim evitando que as circunstâncias continuem a forçar a utilização dessas áreas para a produção de café por meios artificiais.

Precisamos fazer um grande esforço para racionalizar os preços. Preocupo-me hoje porque, embora estejamos em melhor situação que há dois anos, os sinais das últimas semanas apontam para dificuldades.

O preço do café, que chegou a mais de 1,10 centavos do dólar por libra-peso, esta semana registrou 91 centavos. É necessário fazer um esforço para estabelecer um piso de um dólar para o café. Trata-se de uma necessidade.

Devemos sair desta reunião com algo positivo. Que esta não seja uma reunião simplesmente de discursos. Que não seja uma reunião simplesmente de cortesia. Que não seja uma reunião para prestar homenagens. Que seja uma reunião para tomar decisões.

Preocupa-me que, enquanto o mercado é capaz de desviar recursos do café para o petróleo, nos países produtores nós não sejamos capazes de tomar medidas que nos defendam.

Não estamos no mundo das quotas, mas temos que fazer um esforço para orientar recursos financeiros para a cafeicultura e evitar que eles se desviem para o petróleo, com graves conseqüências para os preços.

Quando alguém diz: “Precisamos tomar medidas para que o preço não caia para menos de um de dólar”, dizem-lhe: “Cuidado, isso é muito grave, isso atenta contra o livre-mercado”. Estes são os dogmas do mercado, que no final só atentam contra a equidade social. Quando o mercado produz estragos, nada se diz.

Quando nossos governos ou setores sociais produzem mecanismos para defender nossas receitas sociais dos excessos do mercado, imediatamente alguns se espantam e dizem: “Isso é muito grave para o avanço da economia”.

O avanço da economia só é tranqüilo e sem sobressaltos quando garante a equidade social.

Eu convido todas as nossas autoridades a estudar mecanismos que os países produtores possam ativar para evitar a continuação do desvio de recursos do café para o petróleo.

E proponho fazermos o que precise ser feito para estabelecer um piso para o preço do café, não permitindo que ele caia para menos de um dólar por libra-peso.

É melhor sofrer críticas de economistas que têm um respeito magistral pelo livre-mercado do que permitir que se continue a arruinar a vida social de nossas populações.

O Presidente Lula está nos devendo uma visita. Depois de meu regresso hoje à tarde, terei de dizer na Colômbia quando será sua visita, porque estamos aguardamos a visita de Vossa Excelência, com empresários e trabalhadores brasileiros, para fomentarmos os investimentos brasileiros na Colômbia e os investimentos colombianos no Brasil.

Nossas economias, não obstante suas diferenças de tamanho, são muito parecidas no que produzem. Por isto, não podemos continuar iludidos com o intercâmbio, porque, mais do que complementares, elas são economias de produção semelhante.

Temos que avançar rumo à integração dos investimentos. Para nós, esta meta é absolutamente necessária e, sob sua liderança, pode ser promovida de modo muito eficaz.

Além disto, estamos totalmente empenhados na luta pelo cumprimento das Metas Sociais do Milênio, e foi para cumpri-las que Vossa Excelência, com tanto entusiasmo, propôs ao mundo a eliminação da fome, a luta contra a fome.

Prezados amigos de todos os países produtores: sucesso.

Estarei muito atento para o que digam as notícias divulgadas nos meios de comunicação, e oxalá eu pudesse dizer aos colombianos que na reunião de Salvador da Bahia os participantes ousaram tomar medidas para que o preço não continue abaixo de um dólar.

A todos, muito obrigado.